

## A ATUALIZAÇÃO DO *MANIFESTO* POR SLAVOJ ZIZEK

Felipe Augusto Ferreira Feijão<sup>1</sup>

ZIZEK, Slavoj. **A atualidade do Manifesto Comunista**. Tradução Renan Marques Birro.

Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

Zizek inicia o livro com a pergunta que se torna fundamental ao longo das reflexões posteriores: o *Manifesto* ainda é um texto atual? Esse questionamento se torna o ponto de partida porque o autor utilizará o pensamento de Marx presente no clássico para pensar temas da atualidade como exploração, alienação e internet das coisas. O *Manifesto*<sup>2</sup>, texto de 1848, conforme será demonstrado no ensaio aqui resenhado, permanece válido, feitos os devidos diálogos com problemas do tempo contemporâneo. Obviamente, 175 anos depois, o mundo mudou muito. Na época de Marx não havia internet, nem celular, nem computador, nem bilionários digitais concentradores de riqueza como há hoje, o que significa que ele e Engels não assistiram as mudanças tecnológicas que norteiam o mundo.

Na primeira parte, o filósofo esloveno evoca a existência atual do anúncio do fim do capitalismo, feito pelos próprios capitalistas, pelos assim chamados donos do mundo, detentores de bilhões e de importantes plataformas digitais, utilizadas por milhões de pessoas. Anunciam que o fim está próximo, pelo menos o fim do sistema capitalista vigente: operários em fábricas, que não possuem os meios de produção, vendendo sua força de trabalho para a própria sobrevivência. “Em suma, sua versão do fim do capitalismo é a versão capitalista para seu próprio fim, onde tudo mudará de modo que a estrutura básica de dominação permanecerá a mesma” (p. 11). Anuncia-se o fim do sistema econômico mundialmente dominante, mas com a bancarrota de tal dominação, até mesmo os dominadores correm risco.

Diante desse prenúncio, como explicar o fenômeno, o boom dos super ricos? A turma que possui generosa parcela do poder econômico global, não guarda maços e mais maços de

---

<sup>1</sup> Bacharel em Filosofia pela Faculdade Católica de Fortaleza (FCF). Licenciado e mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará. E-mail: [faffeijao@gmail.com](mailto:faffeijao@gmail.com)

<sup>2</sup> MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto Comunista*. Tradução Álvaro Pina. São Paulo: Boitempo, 2007.

cédulas nos bolsos ou em cofres. O autor dá o exemplo de um famoso idealizador de software: “se tornou o homem mais rico em um par de décadas através da apropriação da renda por permitir que milhões de trabalhadores intelectuais participassem de uma nova forma de intelecto geral que ele privatizou sob seu controle” (p. 19). Uma inteligência coletiva, propriedade de um só, ou de um pequeno grupo, controla e submete uma multidão ao seu uso, mas, para tanto, requer condições básicas para sua utilização.

Na segunda parte, a pergunta que norteia a continuidade do lançamento de luzes advindas de Marx para a realidade do momento, é: quais fantasmas assombram o hoje, ou quais perspectivas de futuro do capitalismo? Se o espectro que rondava a Europa era um, o comunismo, o que ronda não só o velho continente, mas todo o mundo é o espectro do futuro. Nesse espectro, os temas presentes visualizados são a disseminação cultural americana que se espalha até os confins mais remotos da Terra, a pauta identitária e o patriarcado, para citar três exemplos práticos. Tais assuntos se tornam constantes alvos de elaboradas teorias, de discussões, de produções de conhecimentos enquanto não se leva em conta a necessidade de reconsiderá-los.

Importa ter em conta que “é tempo de começar a pensar sobre o fato de que a crítica do falocentrismo patriarcal etc. foi elevada para se tornar um alvo central no mesmo momento histórico – o nosso – em que o patriarcado definitivamente perdeu seu papel hegemônico” (p. 26). Há a vigência do individualismo de direitos e de uma dita liberdade, que merecem maior atenção.

Na terceira parte, o capital fictício, importante aspecto na tentativa de relacionar e tornar atual o texto marxiano, é retratado. Ele parece se tratar de uma abstração do valor, que é atribuído ao dinheiro. O autor pergunta: “efetivamente, as operações de capital fictício não são cada vez mais realizadas sem qualquer intervenção direta, isto é, simplesmente através de computadores agindo” (p. 41). Os investidores, os adeptos de moedas digitais parecem se basear exatamente nisso: “o capital fictício é sustentado pela expectativa que a valorização ocorrerá no futuro” (p. 41). E os que vivem de aplicações e investimentos, precisam saber lidar não só com ganhos, mas com perdas, que constantemente ocorrem e que desesperam muitos desses privilegiados, a depender do ritmo, do humor, da situação do mercado financeiro, que ganhou características humanas, ou seja, personalizou-se.

Na quarta parte, vale destacar justamente o fato de que se por um lado existe uma exacerbação do individualismo e das liberdades pessoais, por outro, há o aparecimento de uma nova forma de escravidão. Trata-se da subjugação de pessoas precarizadas, negligenciadas, que levam uma vida de mera subsistência. Zizek chama esse ressurgimento de escravidão *de facto*, que seria a exploração tratada por Marx, uma vez que se diferencia histórica e legalmente da escravidão passada. O autor mostra-se bastante atento e preocupado com a realidade da vida, assim como Marx, partindo sempre dela, de forma muito contemporânea. O capital fictício, ou seja, a digitalização do capital, a virtualização do dinheiro e a caída por terra do fetichismo apenas por objetos sólidos, físicos, são problemas recentes, portanto não analisados por Marx, mas iluminados pela análise marxiana, seja do *Capital*, seja do *Manifesto*.

Na quinta parte, há a defesa de uma dinâmica de afirmação e de negação da liberdade e da propriedade (elemento caro ao marxismo), para diagnosticar suas inexistências ao invés da alegação afirmativa delas mesmas. Liberdade e propriedade, são ideias amplamente vendidas, e o preço delas parece bastante acessível. A liberdade de compra e venda dentro do capitalismo é uma falta de liberdade para quem não tem o que comprar ou vender. A propriedade de possuir os meios de produção dentro do capitalismo é uma falta de propriedade para quem não os possui.

O surgimento do novo operariado, a rapidez e a fluidez de agora, tornam a proclamada liberdade do sistema capitalista, na decretação do aparecimento de escravos modernos, por vezes satisfeitos com o discurso de empresários de si e de que é necessário sempre se reinventar de tempos em tempos para atender as necessidades de determinado tempo.

Pensar o mundo, as questões e os problemas de hoje à luz do pensamento de Marx, não é traição do seu pensamento, mas uma atualização necessária de sua crítica, que põe o pensamento do autor em diálogo e em análise com o momento marcado por sua história particular, enriquecendo este com reflexões clássicas.

